
Construções identitárias de adolescentes negros de classe média: um estudo de caso em uma escola particular de Belo Horizonte-MG

POLLYANNA A. NICODEMOS^{*}

SANDRA PEREIRA TOSTA^{**}

Resumo

Este artigo resulta de dissertação desenvolvida e concluída no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, cujo objetivo central foi compreender o processo de construção da identidade de adolescentes negros de classes média e alta, alunos do ensino médio em uma escola da rede privada de Belo Horizonte-MG. A escola foi considerada

^{*} Historiadora. Especialista em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais em Áreas Urbanas. Mestre em Educação pela PUC Minas. Doutoranda em Educação pela PUC Minas. Pesquisa e pública nas áreas de educação e relações étnico-raciais, identidades juvenis de estudantes negros de elite e a relação escola e casamentos inter-raciais. É coautora do livro *Etnografia e educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis*.

^{**} Graduada em Comunicação Social pela PUC Minas. Mestre em Educação pela UFMG. Doutora em Antropologia Social pela USP. Professora titular da PUC Minas no Programa de Pós-Graduação em Educação, do Departamento de Educação e da Faculdade de Comunicação e Artes. Coordenadora do EDUC, Grupo de Pesquisas em Educação e Culturas. Pesquisa e pública nas seguintes áreas: Antropologia e Educação; Mídia e Sociabilidades contemporâneas; Violência em meio escolar; Adolescentes, jovens e identidades-gênero, corpo, etnia; Questões teóricas e metodológicas na interface Antropologia e Educação. Coordena a Coleção "Cultura, Mídia e Escola", da Editora Autêntica. É autora do livro *Pedagogia e comunicação no registro da liberdade* e coautora dos seguintes livros: *Mídia e educação*, com José Marques de Melo; *Antropologia e educação*, com Gilmar Rocha; e *Educação, cidade e cidadania*, com Carlos R. Jamil Cury. É organizadora e autora dos seguintes livros: *Caminhos da pesquisa: estudos em linguagem, antropologia e educação*, e *Etnografia e educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis*.

como um dos espaços privilegiados para se observar como construções identitárias ocorrem em meio a dinâmicas de socialização e aprendizagem. Especialmente identidades étnico-raciais em contextos nos quais a presença de estudantes negros é, historicamente, muito pequena e invisível nas pesquisas da área. Os resultados alcançados evidenciaram que os adolescentes negros, em seus depoimentos, revelam contradições ao assumir sua condição negra, com destaque para suas características perceptíveis (cabelo e cor de pele). No que se refere à socialização dos adolescentes negros com seus pares, estes, em certos momentos, vivenciam situações de preconceito racial, em razão de sua condição étnico-racial, a exemplo dos apelidos e tratamentos discriminatórios. Com isso, foi possível compreender o modo como estudantes negros de classes média e alta estão inseridos na escola privada e como essa inserção e a vivência deles configuram sua construção identitária.

Palavras-chave: *Adolescentes negros. Classes média e alta. Identidade étnico-racial. Escola particular.*

A escolha do tema

A escolha do tema de pesquisa, seja ele qual for, apresenta forte ligação com os valores que se constroem ao longo da vida, com base nos contatos estabelecidos nos vários espaços sociais que se transita, sejam eles família, escola, universidade, trabalho, grupos de amizades, relações afetivas, dentre outros.

Enfim, são experiências que contribuem significativamente com as opções que se apresentam, bem como com o que se acredita e passa a priorizar como objetivo de vida. É a luta política em defesa da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, convém apontar que o ambiente familiar das pesquisadoras apresenta um valor de peso nesse processo, haja vista que os valores do grupo étnico-racial ao qual cada um pertence, em princípio, sempre estão presentes na formação desse indivíduo. Em algumas situações, desde criança, quando pais da raça negra afirmam de modo positivo a negritude do filho, seja apontando todas as injustiças vividas pelo povo negro, seja destacando a discriminação racial como fator que constitui um

dos principais problemas existentes na sociedade brasileira com relação à desigualdade social. Entendida como um elemento da estrutura historicamente construída de dominação, a discriminação tem por princípio a ideia da existência de uma classificação que hierarquiza os diferentes grupos étnico-raciais presentes na sociedade.

Souza (1983) explica que, no Brasil, nascer com a pele negra ou com outros caracteres do tipo negroide e compartilhar uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, por si só, não são fatores suficientes que permitem a formação de uma identidade negra. Ser negro, além de tudo isso é ter a consciência do processo ideológico que, por meio de um discurso mítico em relação a si mesmo, produz uma estrutura de desconhecimento que acaba aprisionando o sujeito em uma imagem alienada na qual se reconhece. Ser negro, então, é, sobretudo, tomar posse dessa consciência e criar outra consciência que reassegure o respeito às diferenças.

Tais argumentos parecem relevantes e vão ao encontro da realidade de grande parte da população negra, uma vez que a formação recebida no grupo familiar acaba sendo fundamental na construção da identidade negra, nas suas escolhas, na determinação do que essa é e de como se sente; do mesmo modo como tais sentimentos levam tais sujeitos ao caminho de certos pertencimentos que traduzem o que se acredita e o que se defende. Eles crescem assumindo e reafirmando sua negritude sempre de forma positiva e, acima de tudo, tendo a consciência de sua origem africana.

Esse sentimento construído ao longo da vida é que os prepara para combater discriminação de toda ordem, fortalecendo, nesse processo, cada vez mais, seu pertencimento ao grupo social negro. Como já colocado, essas experiências vão dialogar concretamente com a definição de interesses e de tomada de decisão na vida, dentre elas a escolha de um percurso acadêmico e de um problema de

investigação. Fato que encontra ressonância nas belas palavras de Santos (1994), quando diz que, da vida cotidiana, a ciência jamais deveria se apartar.

Por tudo isso, e pelo fato de as autoras deste artigo atuarem na área acadêmica, houve preocupação com os estudos sobre a construção da identidade étnico-racial do negro de elite, particularmente o adolescente, aluno de uma escola da rede educacional privada na cidade de Belo Horizonte-MG. Tal escolha também foi definida por um motivo que ficou bastante evidenciado no estado do conhecimento sobre negros e sobre a escola no Brasil: pesquisas sobre a população negra economicamente favorecida praticamente inexistem.

Portanto, o estudo aqui apresentado se reveste de dupla importância: primeiramente, procurou-se não olhar para adolescentes negros como se eles estivessem tão somente no lugar que historicamente lhes coube – e ainda se lhes reserva –, isto é, a escola pública, que atende camadas populares; e, em segundo lugar, buscar esses adolescentes negros em escolas que também historicamente são para os brancos pertencentes à classe econômica mais favorecida¹. Desde já é fundamental explicar que os adolescentes pesquisados não eram alunos bolsistas na escola que frequentavam, mas economicamente pertenciam aos estratos mais altos da população. Em outros termos, como explicariam Bourdieu *et al.* (1999), esses eram dotados de capital econômico e social.

¹ Durante o levantamento dos estudos sobre o negro no Brasil, foram encontradas e analisadas pesquisas relacionadas à classe média negra, como Figueiredo (2002), Santana (2000) Soares (2004), Souza (1983), dentre outros. Contudo, no que se refere às pesquisas sobre adolescentes negros de classe média em escola particular de elite, as autoras enfrentaram dificuldades durante o processo de revisão da literatura.

Os caminhos da pesquisa: desafios, aproximação e estranhamento

Dada a complexidade da temática e das escolhas teóricas e categorias de análise que orientaram a pesquisa, optou-se pela

metodologia qualitativa, uma vez que suas características permitem ao pesquisador chegar à compreensão ou à interpretação dos fenômenos sociais com base nas perspectivas e na experiência de vida dos atores. Esse fato possibilita compreender o significado que os outros dão às próprias ações, compartilhando, em certa medida, e por certo tempo, sua vivência.

Nesse contexto, buscando apreender e interpretar de modo mais consistente possível a maneira como os alunos observados na escola e com quem se dialogou viam a si mesmos, bem como suas experiências e práticas, construiu-se a metodologia do estudo de caso, cuja finalidade foi buscar determinada situação envolvida em uma complexa trama de relações totais e dar-lhe visibilidade. Conscientes disso, as autoras deste artigo compreenderam que o pesquisador pode apontar aspectos inusitados e suscitar futuros estudos sobre a temática enfocada, sem a pretensão de ter alcançado a totalidade da interpretação.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram utilizadas a observação participante, a aplicação de questionário e de entrevistas semiestruturadas. Sem dúvida, a ciência antropológica permite que se aprofunde no entendimento da pesquisa qualitativa. Ao analisarem o “Sentido da Etnografia” em diálogo com a fenomenologia do conhecimento, Rocha e Tosta (2009) explicam que a forma como entendemos determinada situação está relacionada ao distanciamento que assumimos em relação a ela. Destacam, ainda, que a experiência etnográfica constitui um momento privilegiado no que tange à compreensão das verdades e da produção do conhecimento social. Além do mais, o trabalho de campo entendido como um “rito de passagem” exige reeducação dos sentidos, articulada a uma atitude fenomenológica.

Reconhecendo a importância de se inspirarem e apreenderem os estudos etnográficos para a realização da pesquisa, foram destacados autores, à medida que permitiram que as pesquisadoras refletissem sobre suas ações, os limites, as subjetividades

e as possibilidades presentes na relação com os adolescentes pesquisados, sobretudo no que se refere à similaridade étnico-racial com eles. Conforme argumenta Velho (2002, p. 17), em suas pesquisas sobre grupos que lhe são familiares,

lido com indivíduos que narram suas experiências, contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes, conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidiano também do meu mundo, e às minhas aflições e perplexidades. Eu, o pesquisador, ao realizar entrevistas e recolher histórias de vida, estou aumentando diretamente o meu conhecimento sobre minha sociedade e o meio social em que estou mais diretamente inserido, ou seja, claramente envolvido em um processo de autoconhecimento.

Desse modo, buscando a literatura mencionada e outras, constatou-se que, na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é um processo fundamental. Assim, na condição de pesquisadores pertencentes ao mesmo grupo étnico-racial, o esforço por fazer o distanciamento torna-se ainda maior. A busca por manter o exercício da “objetivação” (BOURDIEU *et al.*, 1999) em determinadas situações no campo foi um esforço permanente no percurso da pesquisa.

Os atores da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com nove adolescentes negros, estudantes do ensino médio, sendo cinco meninas e quatro meninos, na faixa etária entre 15 e 18 anos. Embora esse número possa parecer pequeno, ele toma outra dimensão quando o cotejamos com a quantidade mínima de estudantes negros matriculados em escolas de elite, localizadas na zona sul de Belo Horizonte. Em

outros termos e por questões históricas, econômicas e sociais, os negros que estão nesse espaço, ocupado estatística e predominantemente por uma “elite branca”, são “minorias”.

A escolha dos adolescentes negros participantes do estudo foi feita com base na heteroclassificação das pesquisadoras em relação àqueles que apresentavam características perceptíveis e traços morfológicos relacionados ao grupo étnico-racial negro (textura dos cabelos, cor da pele, formato do nariz e da boca). A condição de não ser bolsista também foi um dos aspectos levados em consideração, já que o colégio possui um programa de gratuidade². Na escola, também foram entrevistados adolescentes brancos, por sugestão dos próprios alunos negros, sobre a importância de se incorporar a fala de colegas de pele branca. Além desses alunos, foram entrevistados professores, gestores e funcionários da escola.

Em relação à escolarização dos pais, levantaram-se as seguintes informações: das mães, cinco cursaram o ensino superior; duas fizeram pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado); uma, pós-graduação *lato sensu* (especialização); uma, apenas o ensino médio completo. No que concerne aos pais, quatro cursaram o ensino superior; um cursou pós-graduação *lato sensu* (especialização); um, pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado); dois possuíam ensino médio técnico e um, ensino médio.

² O projeto *Gratuidade Educacional* oferece bolsas correspondentes a 50% ou 100% da mensalidade. Além de colocar à disposição material didático, uniformes, atividades suplementares educacionais, havia acompanhamentos interdisciplinar, social e psicológico.

O campo de pesquisa

A instituição onde foi desenvolvido este estudo situa-se em região nobre de Belo Horizonte, é de natureza confessional e oferece educação infantil e ensino fundamental no período da tarde, e ensino médio no período da manhã. À época, essa escola atendia a 980 estudantes, em sua maioria, de classes média e alta, fato que aparecia com frequência na fala dos entrevistados, sobretudo

na dos professores e na dos estudantes. Conforme apontou o professor negro Jorge³, *não adianta negar, é de elite, de elite, não adianta a gente nega*". (Informação verbal)

³ Todos os nomes mencionados neste artigo são fictícios e foram escolhidos pelos próprios entrevistados.

A escola, fundada há mais de oitenta anos, sempre foi reconhecida pela qualidade do ensino e por exigir muito do aluno. A interação com colegas na escola na ótica de uma estudante entrevistada é a seguinte:

O [...] é um colégio elitizado mesmo! A própria região onde ele está na região sul de BH. Então, os moradores das proximidades optam pelo [...], por ser um colégio mais elitizado. Então eu sinto que [...] dentro da sala de aula existem alunos da classe média normal, como todo mundo, e existem alunos que têm tipo bolsa ou alunos que eram do antigo noturno, então estão inseridos na sala em outro contexto desses alunos mais elitizados. Então, assim... Não há um desrespeito, mas você vê não há... Um interesse em procurar os alunos de um grupo mais elitizado, não! Tem interesse às vezes. [...]. É gente muito rica, muito rica mesmo, assim meu avô, você não sabe? Meu pai, meu pai tem esse nome, minha mãe é fulana de tal! Então, assim, dentro do colégio, eu sinto que há! [...] a classe média baixa e a classe média interagem muito bem! Muito bem mesmo! Agora a classe média alta há os que são tranquilíssimos e há aqueles que não se enturmam e ficam lá no grupo deles. São muito ricos! Quem é rico aqui no [...] é muito rico. Então tem hora que você fica meio assim...! Sabe? Tem hora que você fica meio assim... (Informação verbal)

Chama a atenção a percepção da aluna em relação à existência, no colégio, de alunos economicamente muito favorecidos e outros menos, grupo no qual ela se situa. É desse lugar que ela enfatiza como o poder aquisitivo estabelece distinção e hierarquia entre os estudantes e ainda associa o "sucesso" confortável de colegas da elite a esse poder usufruir de mecanismos de ajuda nas tarefas escolares.

Estilo de vida: um retrato dos adolescentes negros!

O estilo de vida das pessoas deve ser compreendido com base no gosto, na preferência e no modo de vida dos diferentes grupos sociais presentes na comunidade. Nesse entendimento, o “capital simbólico”, ou seja, as escolhas por mobílias, vestimentas, linguagens, dentre outros objetos, hierarquizam tais grupos sociais. (BOURDIEU, 1983)

Orientadas por essas contribuições teóricas, as autoras deste artigo objetivaram trabalhar com as escolhas, gostos e estilos de vida dos adolescentes negros de classe média, para tentar identificar aspectos que permitissem identificá-los com determinado grupo social. Ao se aplicar o questionário, buscou-se abordar os seguintes aspectos: domínio de língua estrangeira, curso universitário que pretendia fazer, preferências de lazer, ídolos, interesse de leituras, estilo de música, opção religiosa, preferência pela mídia (rádio, TV, internet), alimentação preferida, conhecimentos sobre produtos étnicos para negros, atuação em associação cultural ou grupo relacionado à cultura afro-brasileira.

Em relação ao conhecimento de língua estrangeira, dos nove estudantes entrevistados, quatro afirmaram dominar tanto a língua inglesa quanto a língua espanhola; dois apontaram ter proficiência somente no inglês; dois adolescentes estavam frequentando curso de língua inglesa, mas ainda não “tinham bom preparo”, disseram eles, e outro não domina nenhuma das opções apontadas ou “outra”. Inglês e espanhol são os idiomas que a maioria estuda.

Sobre o curso universitário a ser feito, as opções se concentraram na área de Ciências Humanas, dentre elas: Direito, Relações Internacionais e História, e Medicina que foi apontado por eles. Entre os entrevistados, apenas um ainda não havia decidido para qual curso ia tentar o vestibular.

No que diz respeito a preferência por artistas que consideravam seus “ídolos”, foram apontados cantores, atrizes, atores, jogadores de futebol e apresentadores de TV, como: Elis Regina, Beyoncé, Ashton Kutcher⁴, Black Eyed Peas, Ray Charles, Adriano e Robinho (jogadores de futebol), Chico Buarque, Glória Pires, Marcelo Adnet e outros.

⁴ Ator e produtor norte-americano cofundador da Katalyst (estudo de mídia social).

Nesse item, existe a configuração clara de uma preferência influenciada pelo “gosto” certamente cultivado na família, como no caso dos estilos musicais de Elis Regina, (o fino da bossa nova, MPB e samba), Ray Charles (*jazz* e *soul*) e Chico Buarque (MPB).

Quanto ao estilo de música, o gosto dos adolescentes combina *pop rock*, *black music*, samba, *rock’n’roll*, MPB, *jazz*, música eletrônica, tendo maior destaque *jazz*, *pop rock* e samba. Ocorre, assim, coerência do estilo musical com aqueles ídolos ligados à música (Elis Regina, Chico Buarque, Ray Charles, David Guetta, Black Eyed Peas e Jason Mraz).

No que diz respeito ao conhecimento da existência de produtos étnicos, os adolescentes entrevistados assinalaram que conheciam os seguintes produtos: condicionador para cabelos, xampu, hidratante para corpo, maquiagem. Dentre estes mostraram ter mais informação sobre a disponibilidade de hidratante corporal e maquiagem. Vale citar que dois adolescentes assinalaram que não sabiam da existência desses produtos, tampouco de outros.

Fato é que a identidade negra refere-se a uma construção social, política, histórica, cultural e plural, bem como à construção do olhar de um grupo étnico ou daqueles que pertencem a um mesmo grupo étnico-racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2003)

Nesse sentido, a concepção de identidade negra defendida por alguns integrantes do movimento negro, por cidadãos e pesquisadores é formulada no intuito de buscar a valorização da “particularidade cultural negra”, bem como a valorização do “orgulho negro”, que até então é destruído e estigmatizado pela estrutura racista presente na sociedade brasileira.

Sobre o frequentar espaços de valorização do negro e da cultura afro-brasileira na cidade, apenas duas adolescentes responderam afirmativamente e apontaram as seguintes opções: roda de capoeira, grupo de *hip hop*, *break*, *rap* e grafite. A primeira afirmou que frequentava uma livraria especializada em cultura afro-brasileira, e a outra, ao assinalar a opção “outros”, especificou que fazia danças folclóricas. Ao contrário dos outros sete entrevistados que informaram não frequentar nenhum desses espaços.

Analisando o posicionamento dos entrevistados, foi possível constatar que a maioria não frequenta o “mundo negro”,⁵ por não ter acesso a espaços nos quais a cultura, a valorização e a afirmação dos afro-brasileiros estão presentes. Tais dados apresentam uma aproximação com as escolhas desses entrevistados, ao serem indagados sobre as atividades que costumam realizar nas férias e nos momentos de lazer. As mais citadas foram: viajar para o exterior, viajar pelo Brasil, frequentar *shopping* e clube.

⁵ Termo usado por Soares (2004), entendido como sistema de relações sociais estabelecido pelas instituições (religiões afro-brasileiras, bailes *black*, escola de samba, etc.) que proporcionam sociabilidade e permitem o resgate da autoestima dos negros.

O necessário diálogo entre educação e cultura

Obviamente, a instituição de ensino possui papel importante no processo educacional, mas ela vai além por ser um espaço sociocultural de convivência de cidadãos que pertencem a origens étnico-raciais diferentes, integradas num processo contínuo de construção de sua identidade e de sua formação escolar. Nesse processo contraditório, mediado por uma sociedade em que vigoram o preconceito racial e a desigualdade, a reconstrução da identidade de qualquer aluno demanda que o ambiente escolar desenvolva trabalhos de valorização e respeito ao outro em sua integralidade. Isso, com vista a despertar nos alunos valores éticos, contribuindo para a efetiva prática da cidadania, especialmente no caso do aluno negro, dada sua condição quase sempre desigual

no contexto social. Sobre essa questão, Gomes (2007a, p. 104) argumenta:

A escola brasileira, pública e particular, está desafiada a realizar uma revisão de posturas, valores, conhecimentos, currículos na perspectiva da diversidade étnico-racial. Nos dias atuais, a superação da situação de subalternização dos saberes produzidos pela comunidade negra, a presença dos estereótipos raciais nos manuais didáticos, a estigmatização do negro, os apelidos pejorativos e a versão pedagógica do mito da democracia racial (igualdade que apaga as diferenças) precisam e devem ser superados no ambiente escolar não somente devido ao fato de serem parte do compromisso social e pedagógico da escola no combate ao racismo e à discriminação racial, mas, também, por força da lei. Essa situação revela mais um aspecto da ambigüidade do racismo brasileiro e sua expressão na educação: é somente por forma da Lei 10.639/03 que a questão racial começa a ser pedagógica e politicamente assumida pelo Estado, pelas escolas, pelos currículos e pelos processos de formação docente no Brasil.

Diante desse quadro, é possível fazer as seguintes indagações: como os alunos negros de classes média e alta interagem no processo de socialização no espaço escolar do ensino privado? Eles se identificam com a trajetória histórica do seu grupo étnico-racial e têm consciência dela? Tais alunos fazem uso de alguma estratégia de convívio nesse espaço? Diante dessas indagações, como as escolas e os colegas brancos atuam no processo de construção da identidade étnico-racial dos alunos negros?

Logo à frente, são apresentados alguns discursos resultantes da coleta de dados na escola, o que possivelmente responderá a tantas indagações, se não inteiramente, pelo menos em parte, provocando outras tantas perguntas. São posicionamentos controversos e marcados pelo sofrimento e pelo constrangimento de adolescentes negros de classe média, quanto ao seu pertencimento étnico-racial na escola e fora dela.

E, por serem estudantes, optou-se por ouvi-los na escola; outro motivo foi, como afirmado, ser a escola um dos espaços privilegiados para se observar como construções identitárias ocorrem em meio a dinâmicas de socialização e aprendizagem, especialmente, identidades étnico-raciais em contextos em que a presença de alunos negros é, historicamente, muito pequena.

Assim, por mais que seja complexo o processo de construção da identidade étnico-racial dos cidadãos negros, esse é um dos fatores determinantes da visão de mundo; da representação de si mesmo, do outro; do relacionamento na família, nos grupos de amizade, na vizinhança; da trajetória escolar e profissional. Também são espaços nos quais os valores pertencentes ao grupo negro são preservados (movimentos negros, terreiros de umbanda, grupos de dança, etc.). (GOMES, 2003).

Entretanto, é necessário levar em consideração sempre que não é possível exigir que negros tenham discursos inteiramente coerentes e isentos de ambiguidades, contradições e negação ao se referirem a questões relacionadas à sua condição:

Falar do lugar de classificação racial no contexto brasileiro não é só falar de si. É falar de processos densos e tensos da construção da diferença. Uma diferença étnico-racial que [...] foi transformada em desigualdade. (LABORNE, 2008, p. 30)

Eu não sou preta! preta, preta, azul. Sabe aqueles pretos... pretos... pretos?

Nessa perspectiva, registramos algumas falas dos adolescentes no que se refere às suas construções identitárias, à identificação ao grupo étnico-racial negro, destacando-se como eles se veem em relação às próprias características perceptíveis (cor da pele, formato do nariz, boca e textura dos cabelos). Na fala da adolescente negra Gabriela, tais construções evidenciam tensão: *Eu não sou preta! preta, preta, azul. Sabe aqueles pretos, pretos, pretos?*

Eu falo que minha mãe salvou a minha cor, porque minha mãe é branca, e meu pai é muito preto! (Informação verbal)

Durante a entrevista, essa aluna mostrou aspectos positivos da condição social do negro no contexto social brasileiro. Mas, ao discorrer sobre a sua condição negra e a presença da mãe branca em sua formação, foi possível identificar que seu argumento apresentava aspectos contraditórios, quando ela exprime que sua mãe (branca) *salvou* a sua cor, já que seu pai é *muito preto*.

Fato é que, no Brasil, características físicas como a “cor da pele” apresentam forte influência nas relações étnico-raciais, sendo um determinante social que não possui uma conotação no que se refere a uma origem, e sim a elementos relacionados à aparência física, ou seja, aos aspectos corporais (PIZA, 2000), como afirma Nogueira (1998), ao argumentar que o “preconceito no Brasil não é de origem, mas sim de marca”.

Entre essas características físicas está o cabelo, já que, no decorrer das entrevistas com os alunos negros, de modo geral, a textura do cabelo foi o aspecto mais destacado por eles, como se pode observar na fala do adolescente negro André: *Eu não tenho nada não, apesar de que eu queria que meu cabelo fosse melhor. Eu queria que meu cabelo fosse aquele que atrapalhasse no vento e molhasse na água, liso. [...] é uma questão de gosto.* (Informação verbal)

Vê-se que o cabelo apresenta aspectos marcantes em nossa sociedade, como um *veículo de expressão, além de ser símbolo da resistência cultural*. Ademais, pode-se reafirmar que a representação hegemônica no contexto social brasileiro diz que o *belo* é traduzido pelas características perceptíveis nos cidadãos brancos, e entre essas está o cabelo. Portanto, o padrão socialmente aceito é o *cabelo liso*, idealizado no *quanto mais liso melhor*.

O dinheiro dá poder!

Outro aspecto possível de identificar no discurso dos adolescentes diz respeito aos depoimentos que remetem à ideia de que

“negros ricos não sofrem preconceito e discriminação racial”, por apresentarem posição social e econômica favorável, conforme disse o adolescente negro André:

Eu acho que... Eu acho... Que no momento que o negro tivesse mais acesso ele iria conseguir mais poder aquisitivo. Tipo... Se eu pegar um negro que se veste mal e tem um carro ruim e pegar um negro que tem um carro muito bom e se veste muito bem, ele não vai sofrer qualquer tipo de racismo. O cara é poderoso se tem dinheiro! (Informação verbal)

Relendo, porém, atentamente as entrevistas, esse mesmo adolescente, para quem o *dinheiro dá poder*, afirma ter passado por situações de discriminação e que contradizem a condição econômica abastada como uma espécie de prerrogativa contra o preconceito:

Teve outro caso, foi bem recente por sinal, foi no Diamond, eu tava perto do carro que meu pai tinha acabado de comprar, aí eles acharam que eu ia roubar o carro, aí vieram os seguranças e tal, e eram cinco seguranças. Esse tratamento foi muito pior, muito pior do que o da polícia. Eles chegaram e derrubaram a gente. E a gente chamou a polícia, vamos processar o shopping e... Meu pai tinha acabado de comprar, era um Hoggar, é a picape da Peugeot. (Informação verbal)

Situações como essas narradas por André são importantes e levam à constatação de que negros que se enquadram nas classes média e alta não desfrutam com tamanha tranquilidade o reconhecimento de sua posição social. Essa desconfiança da sociedade diz que esses “atores sociais estão fora do lugar”, conforme afirma Figueiredo (2002), e não referenda o ditado popular: “Negro rico é branco”. A situação narrada não apresenta nenhuma relação de igualdade entre os brancos e os negros em ascensão social, já que estes, em certos espaços comuns aos primeiros, são vistos e tratados como estrangeiros na própria terra. Ou, mais ainda, como intrusos!

Normalmente alunos negros são eventualmente reprimidos!

Sobre a percepção dos adolescentes brancos em relação aos adolescentes negros, alguns depoimentos apareceram da seguinte forma:

No [...] os alunos quanto mais dificuldades têm, mais eles correm atrás, sabe? Então, no colégio, normalmente alunos negros são eventualmente reprimidos, são os que procuram, são os que se dedicam, são os que têm os cadernos completos, são os que fazem tudo. Ainda que aquilo não vá valer muito a pena, por exemplo: 'Isto não há necessidade de fazer', eles fazem, todos, entendeu? (Informação verbal)

Na fala da adolescente branca Marcela, é possível identificar que seus colegas negros têm *maior dedicação nos estudos*. Dedicção que pode ser um mecanismo que esses adolescentes buscam para ser reconhecidos: *Negro tem que ser o melhor*.

Outra questão destacada por essa aluna diz respeito ao comportamento tímido apresentado pelos colegas negros, conforme a seguir:

Muitas vezes alunos negros são alunos tímidos, alunos que não se envolvem muito, então não falam assim... A opinião prevalece dos que falam mais, dos que têm mais opinião, sendo uma maioria branca. Então, é a opinião branca que prevalece. [...] Os negros normalmente silenciam, não têm muito para falar, sendo uma minoria na sala. (Informação verbal)

Em suas palavras são notados aspectos importantes que devem levar a uma reflexão sobre as razões de os adolescentes negros serem *tímidos, não se envolverem muito, não falarem e preferirem silenciar*. Assim, acredita-se que esse comportamento não ocorre no vazio. Diante disso e revendo a própria experiência escolar, as autoras desta pesquisa verificaram que esse silêncio é reflexo da dificuldade de identificação em um meio no qual se é uma minoria

e da forma como as questões relacionadas aos negros são abordadas, provocando o medo de ser ridicularizado e humilhado.

Eu não fui muito bem recebida...

Sobre os grupos de amizade, importa explicar que são formados por uma maioria de adolescentes brancos, com a presença de apenas um adolescente negro. Assim, com base nas observações, principalmente durante o período do recreio, foi possível constatar que essa “minorias negra”, aparentemente, possui “bom” relacionamento com a maioria branca, uma vez que, durante o período da observação, não se ouviu nem mesmo se identificou situação que apontasse o contrário.

Ao serem indagados se gostavam da escola, dos colegas, bem como dos professores e dos funcionários, tal realidade ficou evidenciada pela maioria. Entre as respostas, Bernardo, adolescente negro, afirma:

Não tem lugar melhor para estudar não, aqui é o melhor de todos, sou apaixonado por esse lugar, daqui não saio nem por decreto, vai ser triste sair daqui este ano. [...] Isso aqui é maravilhoso aqui é espetacular! (Informação verbal)

Apenas a adolescente negra Gabriela afirmou, logo no início da entrevista, não gostar da escola, já que não considera os colegas simpáticos:

Ah... Não sei tipo é... Mas eu não fui muito bem recebida, não pelos professores, pelo colega. Ah... Não sei... Tipo na minha sala... É chato falar rs... rs... rs. Na minha sala o povo é muito, é muito rico rs...rs...rs. Nossa e o povo rico é chato rs... rs... rs. E eu não sou rica que nem eles, né? Não chego nem aos pés deles e... Tipo eles não são muito simpáticos com quem não é rico que nem eles. Tipo assim eles não falam mal de mim, mas a gente não conversa, não chegam pra conversar comigo não. [...] primeiro eles... Eles zuavam de mim, porque eu era do interior e eu falava meio roceiro rs... rs... rs. Eu falava meio roceiro rs...rs...

rs. Aí eles me zuavam, eu não gosto que me zoa, aí, mas só que eu não falava nada não. Eu ficava rindo tá! [...] Aí qualquer coisa tipo que acontecia eles perguntavam: 'Itabira também é assim?' Não, Itabira não é assim; perguntavam se em Itabira a TV já tinha chegado, essas coisas rs... rs... rs. (Informação verbal)

Esses relatos e outros foram surgindo à medida que a conversa com os adolescentes negros fluía e havia maior aproximação com as pesquisadoras. Com isso, percebeu-se que o processo de interação desses estudantes não se dava em um contexto de total “harmonia”, uma vez que, em certos momentos das entrevistas, esses sujeitos narraram situações vividas no espaço escolar que se acredita não ser respeitoso, conforme o depoimento da adolescente negra Juliana:

Não... Teve uma vez que estava ali no café vai, aí tem... Aí os meninos estavam comentando sobre o meu cabelo e tal, aí foi... Falou assim... Sabe aquela propaganda do Mon Bijou? Me chama de Mon Bijou, que não si o quê, que não sei o quê ... Aí o menino já falou assim: 'Você pode falar assim na propaganda: 'Me chama de Mon Bijou'... nan, nan, nan, eu olhei assim para ele ... Por quê? Aí ele entendeu que eu não gostei aí ficou calado. [...] É um bombril, é a marca de um bombril; ele estava associando meu cabelo ao bombril. [...]. (Informação verbal)

Analisando esses depoimentos, é possível dizer que fazer parte de determinados grupos desse espaço não era um processo fácil, sobretudo nos chamados grupos formados pelos estudantes “os populares”⁶, visto que, para serem aceitos, eles precisavam incorporar “valores” construídos do grupo. Situação evocada por Gomes (2007b), ao explicar que existem negros que, como forma de serem vistos positivamente, em um espaço em que sua imagem normalmente é associada a uma construção social negativa, acabavam lançando mão dos padrões aceitos pelo grupo como uma estratégia de sobrevivência social.

⁶ Termo utilizado para denominar um grupo de adolescentes; trata-se de um desenho animado *Padrinhos mágicos*, exibido na Rede Globo de Televisão, em que os personagens mais ricos são chamados de “os populares”.

Conclusão

Com este estudo, buscou-se analisar os processos de construção identitária de adolescentes negros de classes média e alta, com um grupo de estudantes matriculados no ensino médio em uma escola particular de Belo Horizonte-MG. O pressuposto é de que a escola é um dos espaços privilegiados para se observar de que maneira construções identitárias ocorrem em meio às dinâmicas de socialização e aprendizagem.

A pesquisa revelou que tais estudantes apresentaram em seu depoimento posições contraditórias e controversas sobre o “ser negro”, além de não terem acesso ao chamado “mundo negro”. Mesmo assim, em certas oportunidades, eles apontaram circunstâncias que permitiram concluir que eles apresentam e valorizam aspectos da formação de uma identidade negra, ou melhor, de identidades negras. Esse processo de construção identitária é pontuado por ambiguidades, chegando, em alguns casos, a se revelar doloroso e sofrido. Percepções sobre o outro e com o outro, que levam à reflexão de que não é possível pensar em uma única forma de ser negro, e sim em várias possibilidades de assumir a negritude, não sendo essa uma construção fácil, isenta de conflitos. Ou seja, falar de identidades é falar de aspectos cognitivos e de aspectos afetivos que estão expostos no depoimento dos alunos nesta pesquisa.

A respeito do processo de socialização entre os adolescentes negros e os brancos, valendo-se das observações sistemáticas que a pesquisa proporcionou, foi possível identificar certa “harmonia” nessas relações, especialmente nos momentos de recreação na escola. Todavia, em conversas com os estudantes negros, constatou-se, também, que, de forma direta ou indireta, eles enfrentam situações nada agradáveis com os colegas. Ao contrário, são falas preconceituosas, como no caso de apelidos e piadas

relacionadas às suas características físicas (cor da pele e textura dos cabelos principalmente). Quanto à postura dos adolescentes brancos em relação aos negros, os discursos apresentam aspectos preconceituosos, mas também ambíguos, que colocam os negros em posição de desvantagem e de privação, qualificando-os como *os mais tímidos, os mais esforçados e os que não se posicionam* perante as situações vivenciadas em sala de aula.

Outra questão que merece ser realçada é que a pesquisa evidencia a relação entre raça e classe, termos que envolvem posicionamentos diversos, conforme se pode constatar nos depoimentos dos estudantes – por exemplo, a ideia de que negros que ocupam as classes mais favorecidas não enfrentam o problema da discriminação racial, já que, conforme dito, *o dinheiro dá poder, e o preconceito no Brasil não é de cor, e sim de classe*.

Nesses termos, durante as entrevistas, os adolescentes pontuaram situações vividas por eles, ou seja, o negro que alcança a ascensão social, do ponto de vista econômico, também é vítima do preconceito racial, uma vez que também enfrenta dificuldades ao buscar ter acesso a certos espaços sociais permitidos por sua condição de classe, mas que, social e culturalmente, lhe são interditados pela cor da pele, ou melhor, pelo fato de ser negro.

No que se refere à convivência e à interação entre os sujeitos presentes no espaço escolar, o discurso que prevalece é o da existência de “perfeita harmonia”. Com isso, situações de discriminação racial acabam sendo “encobertas”, sendo tratadas, de modo geral, como “brincadeiras”, e, dessa maneira, mascaradas.

Finalizando, e considerando os aspectos originais deste estudo, acredita-se na necessidade de que mais pesquisas busquem tematizar a construção identitária de adolescentes negros integrantes de classes média e alta em escola particular. É um convite e um desafio que se revelou, principalmente, pela condição de negra de uma das pesquisadoras. Sendo os adolescentes negros os protagonistas da pesquisa que referenciaram este texto, não se pode

negar que, em várias situações, conviver com eles, ouvir-lhes o depoimento, observá-los atentamente e dialogar com eles levaram a uma reflexão sobre os significados da experiência de pesquisar “problemas” que estão presentes na história das pesquisadoras. Isso fortaleceu-lhes o compromisso em defesa de uma sociedade mais justa, democrática e fraterna, em que a cor da pele não seja determinante no acesso aos bens materiais e culturais.

Abstract

IDENTITY CONSTRUCTION OF MIDDLE-CLASS BLACK ADOLESCENTS: A CASE STUDY AT A PRIVATE SCHOOL IN BELO HORIZONTE, BRAZIL

This paper reports on the results of a Master of Education thesis developed at PUC Minas. More specifically, it reports on the results of a qualitative research aiming to investigate the identity construction process of middle and upper class black adolescents and students at a private high school in Belo Horizonte. The school environment is herein deemed as a privileged space to observe how identity construction takes place in the course of socialization and learning dynamics. This environment is especially important for observing ethnic and racial identities in contexts in which black students have been historically absent or unseen. The results point out that black adolescents' accounts are contradictory as to how they assume their black nature, especially in terms of perceptible characteristics such as hair and skin color. In their socialization with other adolescents, they have faced racial prejudice, especially when it comes to nicknames and discriminatory behavior. The study sheds light on how well middle and upper class black adolescents are incorporated into the private school environment and how their incorporation and experience shape their identity construction.

Keywords: Black adolescents. Middle and upper classes. Ethnic and racial identity. Private school.

Résumé

CONSTRUCTIONS IDENTITAIRES DES ADOLESCENTS NOIRS APPARTENANT À LA CLASSE MOYENNE: UNE ÉTUDE DE CAS FAITE DANS UN ÉTABLISSEMENT D'ENSEIGNEMENT PRIVÉ DE BELO HORIZONTE-MG

Cet article est le produit d'un Master réalisé auprès du Programme de Post-graduation en Éducation de la PUC-MG. Il s'agit d'une recherche qualitative dont l'objectif majeur est celui de comprendre le processus de construction de l'identité des adolescents noirs appartenant à la classe moyenne et à la classe de confort; on a considéré également des élèves du premier et du second cycle d'un établissement du réseau privé de Belo Horizonte-MG. L'école est un lieu privilégié pour l'observation des constructions identitaires. Les dynamiques de socialisation et d'apprentissage rendent possible ces observations, surtout en ce qui concerne les identités ethno-raciales dans des contextes où la présence d'étudiants noirs est historiquement assez faible voire invisible dans les recherches faites en ce domaine. Les résultats obtenus par la recherche montrent que par leurs récits les adolescents noirs révèlent des contradictions lorsqu'ils assument leur condition noire, surtout en ce qui concerne leurs caractéristiques perceptibles (les cheveux et la couleur de la peau). Quant à la socialisation des adolescents noirs, on a constaté qu'ils font l'objet de préjugés raciaux; on leur donne des surnoms et on les ségrègue. Ainsi, il a été possible de comprendre la façon dont les étudiants noirs appartenant à la classe moyenne et à la classe de confort se trouvent insérés dans les écoles du réseau privé et comment cette insertion est à la base de leur construction identitaire.

Mots-clés: Adolescents noirs. Classe moyenne et de confort. Identité ethno-raciale. École privée.

Recebido em 24/8/2011

Aprovado em 20/9/2011

Referências

BOURDIEU, Pierre *et al.* *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

FIGUEIREDO, Ângela Novas *elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador*. São Paulo: Annablume, 2002.

GOMES, Ana Paula Pereira. O negro: individual, coletivo, *self*, raça e identidade: algumas questões sobre o tornar-se negro e a auto-rejeição. *Cronos*, Natal, v. 8, n. 2, p. 529-546, jul./dez. 2007b.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro. In: GOMES, Nilma Lino. *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 167-182, jan./jun. 2003.

LABORNE, Ana Amélia de Paula. *Por essa porta fechada, outras tiveram que se abrir: identidade racial e trajetórias de docentes da Universidade Federal de Minas Gerais*. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetinga*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo (Edusp), 1998.

PIZA, Edith. Branco no Brasil ninguém sabe ninguém viu. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. *Antropologia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTANA, Ivo de. Executivos negros em organizações bancárias de Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 23, n. 1, p. 199-239, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.

SOARES, Reinaldo da Silva. *Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra*. 2004. 271 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência da geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Xilogravura Diálogo
Milton Lira



